

Nelson



Um conto surpreendente
do autor de "Alice em silêncio"

Jefferson Sarmiento

Nelson

Jefferson Sarmiento

Nelson

Nelson

Copyright © by Jefferson Sarmiento

O conteúdo desta obra, inclusive revisão ortográfica, é de
responsabilidade exclusiva do autor

Imagem da capa

boy-659536_1920 - Pixabay

Rio de Janeiro, 2015

1ª Edição

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada, fotocopiada, re-
produzida por meios mecânicos, eletrônicos ou outros quaisquer sem a
prévia autorização do autor

jeffersonsarmiento.escritor@gmail.com

Notas do Autor

O conto “Nelson” foi publicado originalmente em 2015, na coletânea “Os Desconhecidos: Contos Sobrenaturais”, organizada pela escritora Rô Mierling para a Editora Illuminare.

É uma pequena homenagem de fantasia a uma das figuras mais importantes da cultura popular brasileira e espero de verdade que você goste.

Quanto ao garoto Nelson, que narra a história... fiquei com a impressão de que vou vê-lo de novo, em outras páginas, em algum lugar do futuro.

Jefferson Sarmiento, setembro de 2018.

Nelson

O senhor Antônio é um homem interessante. Dizem que veio do sul, mas ele sempre fala do Brás e de como cantava nas praças com seu pai acompanhando-o num violino. O velho se fingia de cego para ganharem alguns trocados. E o filho lhe saiu esse mesmo tipo de malandro. Contudo, as pessoas não costumam levá-lo muito a sério, por causa de sua gagueira. Deram até um apelido para ele, mas o senhor Antônio finge não ligar. Sei que se importa, porque eu... sei coisas. Então sei que ele finge. Como finge outras coisas, parado na porta do cabaré, à essa hora da noite, tomando conta da entrada.

Ele não gosta de que chamem o lugar de cabaré, mas mesmo eu, que ainda vou vestir calças curtas de garoto por muito tempo, sei o que é um cabaré e o que as moças fazem lá dentro. Aqui na Lapa existem muitos deles e o senhor Antônio já trabalhou em quase todos. Ele é um pouco esquentado e sempre arranja confusão. Apesar disso, de fazer o tipo durão, é um homem bom. Tanto que sempre me joga uma moeda, mesmo quando não precisa que eu engraxe seus

sapatos. Enfia a mão no bolso, dá um peteleco de efeito e o tostão gira no ar. Eu sempre pego, embora ele se esforce para que eu erre e a moeda caia no chão. Ele fica intrigado porque eu pareço saber aonde vai a pratinha toda vez. É o que eu disse: sei coisas! Por isso vim até aqui esta noite.

– Não está meio tarde para você ficar na rua, garoto?

Ele sempre me chama de garoto. De vez em quando, finge que esqueceu meu nome e pergunta outra vez. Bagunça meu cabelo e joga a moeda. Foi o que fez esta tarde. E foi quando eu percebi que era a última vez que faria isso. Senti uma tristeza tão grande que me sentei na esquina para chorar. Às vezes eu vejo essas coisas. Não é sempre. Mas sempre sei o que é preciso saber.

Como todo malandro, o senhor Antônio gosta de andar bem vestido e adora aquele seu bigode curtiinho. Às vezes saca o pente do bolso e o penteia olhando o reflexo nas janelas das casas da rua. E foi num desses reflexos que ele viu a senhorita Maria. Ela estava do outro lado da rua estreita, caminhando na direção da feira. Foi ali que o senhor Antônio se perdeu. Ele também acha às vezes de se atirar para

todo rabo de saia que apareça em qualquer reflexo, como os malandros com chapéu torto que brotam de todos os cantos.

Acontece que a moça era a filha do Coronel Caveirinha. E o seu Antônio não deveria ter se metido com ela. Isso foi há duas semanas e agora o pai da moça sabe que aquele leão de chácara metido a cantor de botequim aproveitou-se da menina. É uma falha de caráter, eu sei. Mas gosto dele. Não faz pela maldade em si, apenas que... isso está nele: age como se fosse natural. É uma ingenuidade perigosa que reconheço em meu coração. Uma inocência escurecida que ele carrega na alma, fruto do meio e da vida que leva.

Eu sei, essa é uma desculpa esfarrapada. No entanto, precisava fazer alguma coisa por ele. Então vim até aqui esta noite. Não para alertá-lo, mas para... mudar as coisas um pouco. Às vezes funciona. Às vezes, quando vejo algumas coisas antes de elas acontecerem, consigo alterar um pouquinho o rumo. Nem sempre dá certo. Parece que algo, em algum lugar, teima em manter o rumo da vida em certo sentido.

– Senhor Antônio, preciso contar uma coisa. É grave.

Ele me olha com as sobrancelhas grossas apertando-se na frente. Uma vez ele me disse que costumo conversar

como nem gente adulta faz. Eu apenas sorri. Saber coisas acabou me levando a ser assim.

– Não tenho mais moeda hoje, guri.

– Não é isso. É que o Coronel Caveirinha está atrás do senhor.

Ele se espanta. As sobrancelhas ficam arqueadas. E ele ajeita as calças e os suspensórios. De repente, faz aquele ar de bravo. Ele costuma dizer que foi lutador de boxe quando era mais jovem, no Brás. E foi até campeão. Acho que é verdade. Largou o pugilismo para ser artista, mas acabou como garçom e leão de chácara no centro. E vai morrer em alguns minutos, com dezenove facadas de oito capangas. Um deles vai morrer junto. Outros dois vão ficar muito feridos. Mesmo sendo muito bom de briga, o senhor Antônio não vai sair desta rua estreita esta noite. Vai ficar ali sangrando na calçada. E as moças do cabaré vão ficar gritando e a noite vai seguir em frente sem que ele jamais cante outra vez.

– Pois ele que venha! – o senhor Antônio diz, fazendo pose de pombo, enchendo de ar os pulmões fortes que tem, mesmo com todos os cigarros que fuma.

– Não, senhor Antônio, ele não vai vir. Ele mandou o pessoal dele.

– Que pessoal?

– Eles estão vindo agora. Eles vão passar pela Carioca e vão dar a volta para pegar o senhor dos dois lados.

Ele olha para os lados. Ainda faz cara de durão. Não me convence. Eu sei que está com medo. Tira o chapéu da cabeça e olha para dentro do cabaré. Ele acha que pode se esconder lá. E isso muda um pouco o que eu vi mais cedo. Mas não muito. Os homens do Caveirinha vão atrás dele lá dentro. Desta vez, só o senhor Antônio vai morrer. E uma das moças vai ficar com uma cicatriz muito feia no rosto.

Eu seguro sua mão. Ele me olha espantado. É uma coisa que carrego comigo. Às vezes, quando toco nas pessoas, elas podem perceber o que eu sei. Não veem de fato, mas podem perceber. E ele percebeu.

– Se a gente correr agora, para os Arcos, acho que podemos despistar os quatro que estão vindo de lá – aponto para um dos lados da rua. Já podemos ver as sombras deles nas esquinas, crescendo no chão como manchas. O senhor Antônio deu uma tremida. Ele não quer que eu saiba que tem medo. Ele não gosta que ninguém saiba que ele tem medo.

O senhor Antônio é um homem triste que distribui sorrisos e poses para se fazer de forte. Mas ser preterido em todos aqueles concursos o deixou bastante magoado e perdido. A vida que leva não é fácil e às vezes ele faz coisas de

que se arrepende depois. Já magoou a esposa várias vezes e mesmo assim não consegue largar os defeitos. Dentro de sua cabeça, ele acha que nem seria tão ruim assim se morresse hoje.

E então eu o puxo para o outro lado. Os quatro que deveriam cercá-lo na direção dos Arcos atrasaram-se um pouco. O homem que vai esfaqueá-lo pela última vez está entre eles. É um careca baixinho, baiano, com um dente de prata.

O senhor Antônio dá o primeiro passo. E em seguida estamos andando depressa na direção certa. Mesmo assim, eu ainda o vejo morrendo minutos depois. Os quatro vão nos alcançar na Praça do Passeio. Dois deles morrerão, mas segurarão o senhor Antônio tempo suficiente para os outros quatro chegarem. Daí serão vinte e sete facadas e o rosto do senhor Antônio vai ficar irreconhecível até para a esposa ciumenta e os filhos pequenos.

Nós mudamos de direção então, depois que chegamos nos Arcos. Mas já podemos ver os homens do Caveirinha correndo em nosso encalço. A escuridão do centro só é cortada pela boêmia desvairada nas ruas estreitas, nos bares animados e nas festas dos sobrados mais requintados. Ninguém vai descer para socorrer o senhor Antônio, porém. Se os bandidos nos alcançarem ali, vão me dar uma surra e vão matá-lo.

Ele me segue para onde eu puxo sua mão. Trocamos de rua, mudamos de calçada, atravessamos praças. Sempre que mudamos a direção, eu vejo uma possibilidade diferente. E o senhor Antônio sente, segurando minha mão meio suja dos resquícios de graxa, que vai morrer na próxima esquina. Ou na outra. Ou na outra.

– É melhor você me deixar, garoto – o senhor Antônio diz.

Mas eu vejo o beco. Ele fica atrás do teatro. Lá no fundo, eu vejo uma porta entreaberta. E puxo o porteiro de cabaré naquela direção. Ele fica um pouco assustado, porque o beco é estreito e se os homens do Coronel Caveirinha se dividirem, vão cercar nós dois. E é isso que eles estão fazendo. Mas eu vi uma saída e é por isso que estamos indo para lá. Não sei dizer o fim do senhor Antônio mais, e isso me dá um certo alívio.

A porta que vi ainda está entreaberta. E nos metemos por lá. Ela se fecha atrás de nós e o senhor Antônio gira a maçaneta. Os homens não nos viram entrar, mas ficarão lá fora procurando por um tempo. E eu percebo que não podemos ficar ali além de alguns minutos, porque um homem se aproxima, vindo de um corredor.

Uma música das que tocam nas rádios vem de algum lugar além do homem que nos aborda. E pessoas aplaudindo. Eu não sei onde estamos, mas o senhor Antônio parece saber. E seu rosto está preocupado. Quando eu o toco, vejo que o tal homem vai nos expulsar a qualquer instante. E vamos ser entregues aos homens do Coronel Caveirinha.

– Veio para o concurso? Está atrasado! – o homem resmunga. Ele veste um terno mais alinhado que o do senhor Antônio. É magro e alto. Tem um bigode. Todo mundo que se preza tem que ter um bigode aparado e um chapéu de feltro. Mas aquele ali sua muito. Parece estar passando de algum mal do estômago e isso nos ajudará a tirar sua atenção de nós, de alguma forma.

O senhor Antônio faz menção de explicar que estamos com problemas, que precisamos de refúgio. Ele sabe que se disser que só ele corre perigo, não vai ter a menor chance. Mas o que ele não sabe é que, mesmo me usando como desculpa, não teremos chance alguma.

– Sim. Ele veio cantar – eu digo, antes do senhor Antônio. Ele me olha com o cenho franzido e o queixo pendendo. Ele não quer participar de mais nenhuma contenda.

– Eles não vão me deixar cantar – ele murmura. – Já tentei aqui umas cinco vezes. Quando lerem meu nome, vão nos expulsar pela porta de onde viemos.

– Se apresente para aquela moça lá – o homem de terno aponta, virando as costas apressado e meio encurvado. Não tem tempo de discutir muito. Ganhamos alguns minutos.

Sem saber o que fazer, o senhor Antônio tira o chapéu e segue na direção da moça. É ela quem anota os nomes e a música. Depois passa para os jurados e para o Mestre da Casa. O Mestre é o homem que apresenta o candidato para a plateia.

– O senhor pode mudar o nome – eu lhe digo. E de repente sinto um alívio no peito... O senhor Antônio não morre mais naquela noite. Por outra, levará muitos e muitos anos para morrer. Mais ainda... vejo que jamais voltará a cuidar das portas de qualquer cabaré! E que ficará feliz por um bom tempo, antes de cair em seus próprios pesadelos.

– Mas o Mestre da Casa me conhece – ele argumenta.

– Vai me expulsar assim que me vir!

– Não vai não – eu lhe digo. E sei o que estou dizendo.

– Ele vai ficar muito bravo, mas não vai tirar o senhor do palco. Não na frente da plateia, porque não quer estragar a noite.

Ele ainda parece incerto.

– Qual o seu nome? – a moça pergunta. Ele me olha. Está cansado dos concursos. Chegou a fazer um com o grande Ary Barroso e saiu reprovado – pior que isso: o compositor disse que desistisse da vida de artista!

– Nelson – eu respondo, achando de repente que a moça perguntava o meu nome. Claro que não era, mas achei que deveria responder.

– Nelson de quê? – a moça continua. Ela acredita que eu havia respondido por ele!

O senhor Antônio sorri meio sem graça.

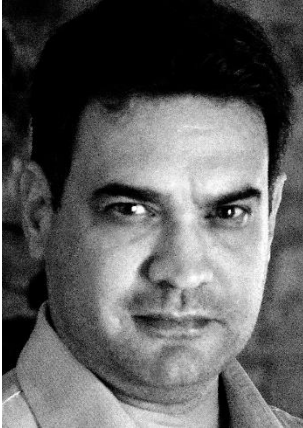
– Gonçalves – ele emenda sorrindo.

No palco do teatro, fazendo sua pose de homem elegante e seus gestos de intérprete de rádio, o senhor Antônio cantou que se pudesse um dia, aos pés de sua musa, poria toda a natureza, fazendo-a de rainha e chamando-a de deusa da beleza. E eu fiquei ali na coxia, olhando a plateia sorrindo e aplaudindo. No palco, ele deixava de lado todas as inseguranças e respirava a canção como se fosse feito dela. Era bonito de se ver.

Ele não ganhou o prêmio naquela noite, mas um homem chamado César, meio gordinho e de bigode também, usando uns óculos grossos, veio falar com ele e o convidou

para conversarem no dia seguinte. O senhor César o levou para cantar na rádio e algumas semanas depois eu soube que o senhor Antônio, usando meu nome, conseguira um contrato para gravar um compacto e se apresentar no Cassino Copacabana, para uma plateia de endinheirados da sociedade. E até para gente gringa!

Fui embora pela porta da frente e nunca mais o vi. De fato, o destino cismou e manteve parte de minha visão sobre o peculiar senhor Antônio Gonçalves. Nunca mais o vi de perto. Nunca mais ganhei nenhuma moeda sua...



Jefferson Sarmiento é autor dos livros *Alice em silêncio*, *Relicário da Maldade*, *Velhos segredos de morte e pecados sem perdão* e *Os ratos do quarto ao lado*, um apaixonado pela literatura e pela música.

Acesse: www.jeffersonsarmiento.com.br